

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE OS USOS DOS OBJETOS EM RITUAIS DE CURA E ENFRENTAMENTO DA DOR EM COMUNIDADES INDÍGENAS

NICÓLLY AYRES DA SILVA¹; DIEGO LEMOS RIBEIRO²; PEDRO LUIS MACHADO SANCHES³

¹Universidade Federal de Pelotas – nicollyayrescontato@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – pedro.sanches@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As relações entre dor, cultura material e práticas de cura em comunidades tradicionais, principalmente indígenas, é um campo de investigação que ainda carece de aprofundamento acadêmico. O presente trabalho se insere nesse contexto, buscando investigar sobre a forma como as comunidades indígenas utilizam objetos materiais como instrumentos de combate, controle e proteção contra a dor, tanto física quanto espiritual. Esta pesquisa integra a linha de investigação do Programa de Apoio à Pesquisa Interdisciplinar na Pós-Graduação (PAPin) - vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL) - voltada para os “Usos rituais das materialidades e práticas de colecionamento em situações traumáticas e dolorosas por comunidades tradicionais”.

A cultura material¹, compreendida como o conjunto de objetos e artefatos produzidos e usados por uma sociedade, é fundamental para o entendimento de suas práticas, valores e modos de vida. Para comunidades indígenas, os objetos não são meramente decorativos; eles carregam significados profundos e podem assumir funções espirituais e terapêuticas. Por exemplo, em alguns rituais, sendo estes compreendidos como um conjunto de ritos de caráter religioso ou não (VILHENA; 2005), objetos como amuletos, ervas e instrumentos musicais, são frequentemente utilizados para mediar a interação entre o mundo espiritual e o físico, desempenhando um papel central no intervalo da dor e da na restauração do bem-estar.

No entanto, principalmente no campo da memória e patrimônio, há um número limitado de estudos que exploram em profundidade essa inter-relação entre cultura material e dor em comunidades indígenas. A dor, entendida aqui não apenas como uma experiência física, mas também como uma preocupação social e espiritual, e que afeta profundamente a forma como esses povos se relacionam com o mundo material ao seu redor. Além disso, o impacto dessas práticas é vasto, considerando que a dor é frequentemente experienciada de maneira coletiva, e os rituais, portanto, englobam tanto sujeitos afetados quanto ao seu círculo social mais amplo.

Este estudo busca preencher essa lacuna ao investigar como os objetos utilizados em rituais de cura não apenas auxiliam no processo terapêutico, mas

¹ Os estudos com base na cultura material tentam perceber até que ponto esses objetos, artefatos ou utensílios podem ser instrumentos de preservação, diferenciação e afirmação sócio-cultural. Nesse contexto, é importante destacar a capacidade que estes elementos têm de vencer as barreiras do espaço e do tempo. Permitem, assim, perceber que essas duas dimensões se interligam, se confundem; ultrapassam as barreiras dimensionais: vencem o tempo, porque perduram para além da sua época e vencem os espaços, porque muitas vezes ultrapassam as fronteiras de seus locais de origem (GRANATO; RANGEL; 2009)

também desempenham um papel ativo na ressignificação das experiências dolorosas. Ao entender esses objetos como agentes transformadores, tendo em vista à construção e apropriação de significados pelos próprios indivíduos o que dá e toma sentido as ações e as coisas (TOLENTINO; FRANCH; 2017), a pesquisa contribui para uma visão mais ampla sobre a cultura material e seu papel nas práticas de saúde e bem-estar das comunidades indígenas, ao mesmo tempo que oferece implicações para a preservação do patrimônio imaterial indígena, uma vez que faz uso de uma metodologia pensada para tal. Por fim, a pesquisa procura compreender como a dor molda as práticas ritualísticas e de cura nessas comunidades. Ao mesmo tempo, busca-se esboçar as possíveis funções dos objetos nesse processo. Esse estudo amplia a compreensão sobre as complexidades do sofrimento e da cura nesse contexto. Além disso, contribui para novas bases de estudo sobre as relações entre sujeitos e objetos em situações de enfrentamento da dor, em diálogo com outras pesquisas interdisciplinares.

2. METODOLOGIA

Para abordar as questões centrais desta pesquisa, planeja-se adotar ao longo do processo uma metodologia qualitativa, baseada no trabalho de campo etnográfico e na análise dos objetos e práticas culturais das comunidades indígenas selecionadas. A abordagem principal lembra as formas de uso e significado atribuídos a objetos rituais que estão associados às práticas de cura e enfrentamento da dor. A escolha por esta abordagem, justifica-se pela necessidade de capturar as nuances e profundidades das experiências subjetivas e culturais das comunidades parceiras, reconhecendo que o conceito de dor, bem como sua vivência e interpretação, são altamente contextuais e simbólicos. Neste sentido, o principal instrumento utilizado para a documentação dessas práticas é o registro audiovisual, uma vez que “o audiovisual pode ser utilizado como material de análise detalhada de diferentes elementos, como ritmos de interação social, materialidades [...] ou mesmo formas de comunicação não verbal” (GARRETT *apud* DAVEL et al., 2019) além de permitir uma curadoria colaborativa para a construção desses materiais e processo de decupagem.

O processo de coleta de dados envolve também, entrevistas semiestruturadas com líderes e membros das comunidades indígenas, em particular aqueles envolvidos em práticas rituais, como pajés e curandeiros. Esses indivíduos são centrais para a compreensão de como os objetos são empregados em rituais e como eles influenciam o processo de cura e enfrentamento da dor. Ademais, será realizada uma análise material dos objetos utilizados nesses rituais, envolvendo a documentação e o estudo dos materiais que os compõem, suas formas e simbologias associadas, além de como são manipulados durante as cerimônias e mesmo fora delas, permitindo identificar variações quanto aos usos e significados. Finalmente, os dados coletados servirão de base para o entendimento contextual destes objetos e a análise crítica sobre como essas práticas tradicionais se desenvolvem em meio a essas comunidades e dialogam com as práticas ocidentais de enfrentamento à dor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora esta pesquisa ainda esteja em seus estágios iniciais, algumas considerações preliminares podem ser feitas a partir das leituras revisadas e dos primeiros vislumbres acerca de algumas comunidades pesquisadas a título de conhecimento prévio. Neste sentido, para as comunidades indígenas, os objetos rituais desempenham um papel fundamental na mediação de diversas situações. Em tradições como o ritual Kuarup, realizado pela aldeia Ipawu Kamayurá no Xingu, o objeto - no caso, as toras de madeiras chamadas de Kuarup - torna-se uma extensão do corpo e da alma dos sujeitos representados. Essas toras são cuidadosamente ornadas com colares e pinturas, simbolizando a conexão entre o mundo físico e espiritual, além de desempenharem uma função central no processo de libertação da alma daqueles que faleceram (FUNAI; 2018). Esse exemplo ilustra como os objetos rituais não são meramente materiais utilitários, mas se transformam em agentes ativos que interagem e influenciam o processo de cura e ritualização da dor, demonstrando a capacidade de manipular as experiências humanas.

Além disso, os objetos rituais em si são concebidos como performances coletivas, é a partir da interação entre esses indivíduos e as materialidades durante esse processo que observa-se que cada gesto e movimento reforçam a conexão entre o material e o espiritual. Na cultura *Tikmũ'ũn* - como se auto intitula o povo Maxakali - a embaúba é uma árvore considerada sagrada, da qual a fibra denominada *Tuthi* ou “fibra-mãe”, é utilizada pelos ancestrais para a confecção de diversos objetos mágicos. Cada parte do processo de transformação da fibra da entrecasca em linha com a qual as mulheres realizam trabalhos manuais é realizada a partir da entoação de um canto. Essa performance é, para elas, uma das formas de comunicação e ativação do poder xamânico da árvore. Outra performance é a utilização da saliva ao longo da prática de fiação, na qual ao molhar a linha, as mulheres *Tikmũ'ũn* transferem seu espírito à embaúba, dando-lhe inclusive a capacidade de cura (BARTABURU; 2024). Isto destaca como a cultura material é indissociável das práticas espirituais, e como essas práticas são compreendidas dentro de um contexto mais amplo de relações sociais e cósmicas.

Ao discutirmos em torno da agência dos objetos percebe-se que esses elementos materiais são fundamentais para a construção das narrativas de resistência e sobrevivência, tanto individual quanto coletiva das comunidades indígenas. Os objetos muitas vezes dotados de poderes ancestrais, são instrumentos através dos quais as comunidades indígenas se conectam com suas raízes, com seus antepassados e com o cosmos. Dessa forma, os rituais que envolvem a cultura material não se restringem a despedidas e práticas manuais, como nos exemplos apontados, mas estendem-se a uma rede complexa de agências e existências que permeiam o cotidiano dessas sociedades. Assim, os objetos desempenham um papel crucial não apenas em aspectos que permeiam a individualidade dos sujeitos, mas também na preservação e continuidade das tradições culturais e espirituais da comunidade.

4. CONCLUSÕES

A partir do exposto, a relação entre dor, cultura material e práticas rituais nas comunidades indígenas é profunda e complexa. Nestes contextos os objetos emergem não apenas como ferramentas práticas, mas como agentes vivos capazes de transformar e mediar as experiências da dor. Esta pesquisa enfatiza a

importância de reconhecer a agência destes objetos nos processos de cura e enfrentamento e neste sentido pode contribuir significativamente não apenas para os campos de estudos da cultura material, mas também para áreas aplicadas, como saúde pública. E por fim, propõe-se a contribuir com o conhecimento acadêmico dos rituais de cura, promover em conjunto as comunidades a valorização e difusão de suas práticas culturais, e utilizando o audiovisual, compreender a profundidade dos significados atribuídos às práticas e aos objetos envolvidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTABURU, X. Por que os Maxakalis estão convocando os espíritos para recuperar a Mata Atlântica. **Mongabay**, Minas Gerais, 2024. Disponível em: <<https://brasil.mongabay.com/2024/09/em-mg-os-maxakali-estao-convocando-os-espiritos-para-recuperar-a-mata-atlantica/>>. Acesso em 05 de out. de 2024.

DAVEL, Eduardo Paes Barreto; FANTINEL, Letícia Dias; OLIVEIRA, Josiane Silva de. Etnografia audiovisual: potenciais e desafios na pesquisa organizacional. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 90, p. 579-606, 2019.

GRANATO, M.; RANGEL, M.F. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. **Cultura material e patrimônio da Ciência e Tecnologia**, 2009.

KUARUAP, o ritual fúnebre que expressa a riqueza cultural do Xingu. **Fundação dos Povos Indígenas**, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2018/kuarup-o-ritual-funebre-que-expressa-a-riqueza-cultural-do-xingu>>. Acesso em: 09 de set. de 2024.

TOLENTINO, Átila B.; FRANCH, Mónica. Espaços que suscitam sonhos: narrativas de memórias e identidades no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.